

# Boletim de Ocorrência



Por  
Celito De Grandi

004

## Os floristas da morte

Mulheres surpreendidas por supostos pretendentes são as vítimas de crimes no quarto caso da série que vai lembrar nos domingos de 2012 uma história misteriosa



Cristina Vargas

REPRODUÇÃO: BD, 18/11/2010

Esbelta, por conta de uma cirurgia, mudou a vida. Deixou de ser apenas dona de casa, foi para a noite.

Era natural que recebesse flores.

E no dia em que a chamaram para receber um arranjo, morreu.



Formada em Letras, funcionária pública da prefeitura municipal de Caxias do Sul, Cristina Baierle Vargas, 46 anos, casada com Gerson de Vargas, tinha um casal de filhos e vivia uma vida pacata.

Mas não se sentia confortável com os colegas, com os amigos, com a família. Com ninguém. A obesidade a angustiava e decidiu procurar um médico.

Fez a cirurgia e, depois disso, tornou-se uma nova mulher.

A filha recorda: ela passou a cuidar da aparência, vestia roupas novas, convidava amigas para jantar, saía para festas.

Arranjou um amante.

Depois de uma viagem, brigou com o marido e, durante a discussão, jogou o celular no vaso sanitário. Gerson resgatou o aparelho e descobriu as mensagens trocadas entre ela e o outro.

Separaram-se.

Os filhos permaneceram na casa com o pai, ela foi morar com a mãe.

Agora sem compromisso, Cristina ainda mais participava de encontros e festas, enquanto discutia com o ex-marido a partilha dos bens. Foi um tempo difícil.



Ela só deixa a casa da mãe e vai morar no novo apartamento depois de saber que, no mesmo andar, há outra família. Tinha medo, informa a amiga, sem se identificar.

Poucos dias depois da mudança, por volta das 21h30min da noite de quarta-feira, 17 de novembro de 2010, Cristina está em casa sozinha, na Rua Sarmento Leite, bairro Rio Branco.

Soa o interfone e uma voz masculina anuncia a chegada do arranjo de flores. Ela deve ter reconhecido a voz, conclui a polícia, do contrário não desceria até a porta de entrada do edifício.

Ouvem-se três tiros.

Os vizinhos correm, assustados, e ainda ouvem os passos de um vulto que se esgueira na escuridão.

Cristina está caída.

Ao lado do corpo, o arranjo de flores e um cartão de felicitações.

Uma das mulheres a socorre, segura sua cabeça, o sangue escorre pela boca.

Pergunta se conhece o agressor, ela faz um sinal ténue que sim, não tem tempo de dizer um nome. Desfalece. A ambulância a leva para o Hospital Pompéia.

O ex-marido e os filhos são avisados, vão até lá. Uma hora depois, está morta.



As investigações da polícia levam a uma denúncia anônima que aponta um jovem como autor do crime. Ele teria recebido R\$ 1 mil para executá-la, mas a história não se confirma.

Há suspeitos, mas não há provas.

Os funcionários da floricultura só sabem dizer o valor do arranjo: R\$ 15. Lembram vagamente de fisionomias, mas é difícil afirmar qualquer coisa.



Não é um jeito novo de atentar contra a vida.

Antes disso, em setembro de 2003, em Porto Alegre, houve a mesma encenação.

Um homem bate na casa onde mora Faviane Peixoto, 28 anos, na Rua Orfanotrófio, no Morro Santa Tereza.

Leva um buquê de flores nas mãos.

A empregada atende, ele pede que chame Faviane.

Ela vai até o portão, recebe as flores e três tiros. Dois acertam a cabeça.

Levada rapidamente para o Pronto Socorro, sobrevive e permanece três meses hospitalizada. Recupera-se lentamente. Fica cega do olho esquerdo, tem sequelas definitivas. Passa a tomar antidepressivos, não consegue mais montar bijuterias, como fazia antes.

– Minha vida virou um inferno – disse dois anos depois à Zero Hora.



Faviane também gostava de encontros e festas.

Foi contratada para fazer companhia a um industrial paulista, durante três dias, num evento em Alegrete.

Ficou grávida.

O industrial e o ruralista que a contratou foram apontados pela polícia como mandantes do atentado. Eles negam, mas são réus e o processo tramita na 1ª Vara do Júri.

Tal como aconteceu em Caxias do Sul, onde o inquérito de Cristina continua dormitando no 1º distrito policial, o atirador de Porto Alegre também não foi identificado.

Até agora, os floristas da morte estão impunes.



ADRIANO DUARTE, BD, 18/11/2010



Separada e revigorada após cirurgia para perder peso, a servidora Cristina foi assassinada por um homem que tinha nas mãos uma arma e um arranjo de flores

### O crime

**Vítima:**  
Cristina Baierle Vargas

**Época do crime:**  
Novembro de 2010

**Cidade:**  
Caxias do Sul

**Principal suspeito:**  
Não identificado

**Motivação:**  
Incerta

RONALDO BERNARDI, BD, 06/07/2005



Em 2005, dois anos após ter sido baleada por um entregador de flores, Faviane relatou o drama em entrevista a ZH